

Romper com a fragilidade: Do bairro para o mundo ¹

Paula Guerra,² Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (IS-UP),
CITCEM, CEGOT, Griffith Centre for Cultural Research
pguerra@letras.up.pt

Resumo: Neste artigo apresentamos uma espécie de périplo pelo conceito de NEET a nível europeu e nacional. Seguidamente, propomos uma reflexão teórica em torno das pesquisas baseadas nas artes e das novas perspectivas face ao conceito de inclusão social. Por fim, explicitaremos em profundidade os resultados empíricos obtidos através da realização do *Workshop* “O Bairro é Nosso!” – e suas oficinas –, desenvolvido no Bairro do Cerco do Porto em 2020 e 2021 (de maio a julho). Deste modo, este artigo foca-se na discussão das investigações-ação e das lógicas de prevenção-ação em torno das artes considerando as vivências juvenis em contextos de marginalidade urbana avançada. Assim, almejamos demonstrar de que modo os jovens NEET que participaram nas oficinas do *Workshop* se socorriam da música e do graffiti como modalidades e expressões de resistência às mais diversas adversidades inerentes a se ser jovem, NEET e residente num bairro social tido como problemático e profundamente estigmatizado.

Palavras-chave: Jovens, NEET, Pesquisas Baseadas nas Artes; Bairro do Cerco; Marginalidade Urbana Avançada.

Introdução

Vários estudos argumentam que a exclusão social persiste não pelos territórios nem pelos indivíduos (Guerra, 2002; Sousa, 2018), mas antes pelas sociedades, no sentido em que, enquanto estrutura, relaciona este fenómeno da exclusão com outros, tais como as trocas de mercado, a redistribuição da riqueza e a reciprocidade. Então, a forma como os indivíduos se relacionam e interagem com estas dimensões determina a extensão em que a franja populacional se mantém integrada na sociedade ou não. É, então, a partir desta premissa que obtemos o mote para a elaboração deste artigo. Teremos como foco concetual a ligação entre o conceito de jovens NEET (*Not in Employment, Education or Training*) e as potencialidades das pesquisas e intervenções sociais baseadas nas artes. Deste modo, a primeira secção será

¹ Este artigo insere-se no âmbito do desenvolvimento do projeto CANVAS – *Towards Safer and Attractive Cities: Crime and Violence Prevention through Smart Planning and Artistic Resistance*. O CANVAS é apoiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização COMPETE 2020 e do financiamento de projeto POCI-01-0145-FEDER-030748. Agradeço muito a colaboração de Sofia Sousa na dinamização do *Workshop*. Dedico este artigo a Ricardo Lopes da Associação OUPA! E aos jovens que participaram nas oficinas do *Workshop* “O Bairro é Nosso!”.

² Professora no Departamento de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Investigadora no Instituto de Sociologia da mesma universidade. Investigadora Associada do Centro de Estudos de Geografia e do Ordenamento do Território e do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. Adjunct Associate Professor do Griffith Centre for Social and Cultural Research na Austrália. É coordenadora e fundadora da Conferência/projeto KISMIF e coordenadora da Secção Temática Arte, Cultura e Comunicação da Associação Portuguesa de Sociologia. É fundadora e diretora da revista científica Todas as Artes. Revista Lusófona de Arte e Cultura e da rede de investigação que lhe subjaz. <http://paulaguerra.pt>.

centrada numa incursão teórica sobre os jovens NEET, as suas potencialidades, os entraves e a ligação destes com as políticas públicas no contexto europeu. Seguidamente, na segunda secção, focar-nos-emos no caso específico dos jovens NEET em Portugal, estabelecendo uma ponte com a terceira secção, que será centralizada nas potencialidades, consequências e aplicabilidade das pesquisas baseadas nas artes, isto é, das *arts-based research* (ABR), mas também as *participatory action research* (PAR). Numa quarta secção, iremos apresentar o nosso objeto empírico, ou seja, será feita uma contextualização ao território alvo de intervenção: o *Workshop* “O Bairro é Nosso!”. Por fim, na última secção, discutiremos os produtos obtidos a partir do *Workshop*, bem como apresentaremos pistas futuras quanto à potência destas lógicas de intervenção em contextos estigmatizados como os bairros sociais, e especialmente junto de jovens NEET.

Na verdade, estes dois focos analíticos – os NEET e as ABR – têm sido tópicos recorrentes no que aos estudos sobre as transições juvenis diz respeito (Pais e Ferreira, 2010). As transições da juventude para a vida adulta complexificaram-se, e as identidades e os estilos de vida tornaram-se fragmentados, enquanto os futuros se tornaram cada vez mais incertos (Pais, 2020). Dentro desta lógica, Vieira et al. (2021), enunciam que esta concetualização em torno do rótulo NEET advém da imprevisibilidade europeia, isto é, sobrevém de um contexto macro que poucos períodos de sólida prosperidade tem tido, sendo antes pautado pela incerteza, pelas crises económicas e político-financeiras e, por conseguinte, por crises do ponto de vista social. Então, voltando à premissa inicial desta secção, importa evidenciar que os NEET são o produto de uma construção das sociedades contemporâneas, europeias, e que é enfatizado pelos média num sentido maioritariamente pejorativo. Do nosso ponto de vista, os NEET são o resultado das várias e múltiplas falhas dos sistemas capitalistas e políticos contemporâneos. Estes jovens que não se encontram a estudar, a trabalhar ou em formação: estão, na verdade, esquecidos pelas instituições de regulação social e, por isso, possuem a si associadas pesadas cargas rotulares estigmatizantes e segregadoras. Estes jovens NEET são, então, fruto de uma tripla face da exclusão, mas que, no nosso entender e recorrendo ao que nos refere Machado Pais sobre as potencialidades da juventude (2020), possuem a capacidade de abalar e mudar as estruturas sociais, basta que alguém os ouça. Ora, foi precisamente este pensamento que adotámos quando propusemos uma intervenção pelas artes junto de jovens NEET, no Bairro do Cerco do Porto, em Portugal.

Bridging The Gap: Jovens, Europa e exclusões

Retomando a ideia anterior, Vieira et al. (2021) afirmam que poucas têm sido as investigações que se estendem além da crítica da construção do próprio conceito. Desta feita, os autores argumentam que é necessário explorar as experiências juvenis e as realidades vivenciais que dão origem a esta concetualização, até porque estas variam em função do contexto geográfico, não podendo ser aplicada uma fórmula única. No caso português, podemos aferir que a maior percentagem de jovens NEET se situa nas zonas rurais do país (Simões et al., 2020). McPherson (2021), nas suas abordagens, denota que no Reino Unido os governos se têm dedicado à criação de programas com vista a promover o envolvimento dos jovens nos setores da educação, no emprego e da formação. O mesmo também tem acontecido em Portugal, com a criação de programas como o NEET Maker³ ou o Garantia Jovem⁴ por exemplo. Porém, apesar de se tratarem de iniciativas que, em certa medida, têm contribuído

³ Disponível para consulta aqui: <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/project/neet-maker-2/>

⁴ Disponível para consulta aqui: <https://www.garantiajovem.pt/perguntas-frequentes>

para minimizar a situação, verificámos que ainda nos encontramos perante um problema que persiste, até porque uma vasta maioria destes programas apenas se dedica à formação, educação e emprego tradicionais que não se encaixam no perfil nem nas aspirações ou gostos de todos os jovens.

Vários estudos têm sido realizados com o intuito de perceber o envolvimento dos jovens no campo da educação, da formação e do emprego, sendo esta última de especial relevo devido ao peso que as tecnologias têm desempenhado nos mercados de trabalho (Yates e Payne, 2006), daí que o foco em temáticas como a exclusão social e económica tenham sido uma constante. O problema do desemprego juvenil não é recente, apesar de se ter agudizado com a pandemia da COVID-19. O acrónimo NEET emergiu pela primeira vez no Reino Unido, nos finais da década de 1980, como uma alternativa para categorizar jovens com idades entre os 16 e os 18 anos de idade. Tal categorização surgiu no âmbito de uma mudança política, em que os regimes de benefícios foram alterados, ficando os jovens desprovidos de um apoio financeiro e sendo estes incentivados a fazerem parte de programas de treinamento juvenil. Como um resultado desta mudança, as estatísticas passaram a demonstrar que o desemprego juvenil tinha deixado de existir. Contudo, em meados da década de 1990, e também no Reino Unido, é financiado um estudo sobre estes jovens, acabando o mesmo por demonstrar que a mudança política não tinha sido eficaz. Então, a partir desse momento, em 1999, o conceito NEET é introduzido formalmente nas agendas políticas, com a publicação do relatório governamental intitulado ‘BridgingThe Gap’ (Wrigley, 2019).

O Reino Unido foi pioneiro no estudo sobre as condições vivenciais destes jovens. Rapidamente, este conceito alarga-se a outros contextos geográficos, tais como a China, o Japão ou os Estados Unidos da América. Porém, apenas em 2010 o mesmo chega às agendas políticas europeias, tomando o papel principal na iniciativa *Youth On The Move*. Efetivamente, McPherson (2021) enfatiza que a terminologia NEET tem sido amplamente criticada junto das produções e trabalhos académicos. Por um lado, os investigadores que se debruçam sobre estas áreas têm julgado a promoção de um entendimento deficitário sobre estes jovens em contexto de marginalidade avançada (Wacquant, 2001), estando o mesmo enraizado em pressupostos classistas, racializados e de dependência intergeracional, isto é, argumentam que as perspetivas que se ancoram num discurso moral sobre a classe social e a etnia, como um meio explicador dos problemas estruturais do desemprego, são redutoras e categorizam a noção de juventude como algo homogéneo e como produto de uma patologia individual (Levitas, 2005). Em segundo lugar, o conceito de jovens NEET igualmente tem sido alvo de críticas por ter na sua génese problemas de definição. Vejamos que no seu texto, McPherson (2021) explicita de forma sistemática esta heterogeneidade, dizendo que o conceito NEET é aplicado a jovens desempregados que não procuram emprego; a jovens desempregados, mas que procuram ativamente emprego; a jovens que estão desempregados devido a problemas de saúde; e a jovens desempregados e que se encontram em situação de exclusão social (Finlay et al., 2010).

Jovens NEET e singularidades portuguesas

Ferreira et al. (2017), ao retratarem a temática dos NEET no contexto português, introduzem uma mudança no conceito com o intuito de ir ao encontro da realidade vivida nesse contexto geográfico. Assim, abandonam o conceito NEET e substituem-no pelo conceito NEEF, que significa *Jovens que não se encontram inseridos no Mercado de Trabalho nem no Sistema de Ensino Formal*. Concretamente, para o contexto português, é de enfatizar que esta mudança advém da entrada cada vez mais tardia na vida adulta por parte dos jovens, isto é, devido ao prolongamento da condição juvenil que, por sua vez, resulta numa entrada retardada no mercado de trabalho. Pensando nos dados estatísticos da Eurostat (2016) e apresentados por

Ferreira et al. (2017), aferimos que a proporção de jovens NEEF portugueses em situação de inatividade é inferior à média europeia. Tal seria um ponto positivo se, entre 2008 e 2013, a percentagem de jovens NEEF portugueses em situação de desemprego não fosse substancialmente superior à dos jovens NEEF europeus em situação de desemprego. Outro dado que vem atestar o que referimos no início deste capítulo (Guerra, 2002; Sousa, 2018), é que em 2016, cerca de 10,6% dos jovens NEEF portugueses afirmaram que gostariam de trabalhar, uma média superior à europeia (9,5%) (Ferreira et al., 2017: 5). Outro aspeto que se deve ter em linha de conta, é que na maioria dos países europeus existe uma diferença entre os jovens NEEF em função do seu nível de escolaridade no sentido em que um jovem com o ensino superior possui uma menor probabilidade de cair na condição de NEEF face a um jovem com o ensino secundário. Porém, em Portugal, essa distância percentual tem vindo a esmorecer.

Estas características envolvem Portugal num caso paradigmático: porque se noutros países europeus como a Espanha, aos NEET ou NEEF são associados jovens com um *background* de migração com baixos níveis de escolaridade ou jovens que se encontram em situações precárias de vivência (Salvà-Mut et al., 2017); em Portugal parece existir um paradoxo dentro do qual temos também essas situações contempladas, bem como outras que são o oposto. De acordo com Frias et al. (2020), estas condicionantes económicas requerem que os académicos e agentes políticos repensem as trajetórias dos jovens, até porque a sua identidade passa a ser definida como sendo uma espécie de limbo, em que já são demasiado velhos para se encaixarem na adolescência, mas são também incapazes de acederem às responsabilidades e benefícios da idade adulta. Nessor, acrescentámos que o conceito de jovem é ubíquo pois representa um vazio que é causado pela ausência de estruturas sociais capazes de dar resposta às necessidades destes.

A elevada taxa de desemprego juvenil em Portugal fez com que surgisse uma série de iniciativas políticas que visavam a luta face a este fenómeno. Uma delas foi o aumento de apoios financeiros direcionados para o tecido empresarial, com o intuito de criar e de fomentar a criação de postos de trabalho. Em Portugal, como já mencionámos, foi criado um *Plano Nacional de Implementação de uma Garantia Jovem*, iniciativa essa que – ao contrário de outros países europeus – se estendeu até aos jovens com 29 anos de idade. Não obstante esta especificidade, Portugal também se diferencia dos seus homólogos europeus no sentido em que com a implementação desta garantia jovem, o governo procurou desenhar uma estratégia de intervenção que visava a colaboração entre várias entidades no campo do emprego, da educação e da formação (Vieira et al., 2018). Todavia, paulatinamente, aferiu-se que este plano de garantia jovem enfrentava dificuldade no alcance dos seus objetivos. Ou melhor, enfrentava e continua a enfrentar, porque uma grande parte dos jovens NEEF não se encontra nas bases de dados das instituições, o que faz com que seja extremamente difícil recrutá-los e captá-los.

As caleidoscópicas *Arts-Based Research*

A inclusão social tem sido um dos tópicos historicamente mais trabalhado em termos sociológicos, porém, nenhum desses debates ou estudos conseguiu fornecer uma resposta eficaz quanto à materialidade da inclusão, ou seja, quanto à sua implementação e prática (Felder, 2018), talvez pelo facto de os ciclos de exclusão social estarem em constante (re)produção. Considerámos que o exercício de distinção entre vários tipos de inclusão é um tanto quanto superficial. Para a elaboração deste texto apenas considerámos que a inclusão se refere à ligação de um indivíduo com um determinado espaço físico, mas também com um conjunto de relacionamentos interpessoais que decorrem nesse mesmo espaço (Norwich, 2008). Pensando no caso concreto das pesquisas baseadas nas artes e na sua ligação com a inclusão social e os NEEF, considerámos pertinente perceber a estrutura e o valor da inclusão

para os indivíduos (Felder, 2018). Começemos por tópicos: o que significa a estrutura da inclusão? Ora, voltando à origem etimológica do conceito de inclusão, aferimos que diz respeito ao social, isto é, à inclusão numa sociedade ou num determinado contexto social, podendo este conceito possuir uma conotação negativa ou positiva. A inclusão pode referir-se a vários contextos vivenciais, apesar de nem todos possuírem a mesma estrutura, daí ser importante estabelecer uma diferenciação entre o que é a inclusão social levada a cabo pela esfera interpessoal *versus* a inclusão social levada a cabo pela esfera social. O sociólogo, neste sentido, procura compreender a forma como estes dois polos se cruzam ou não (Hollis, 1977). Focando-nos nas pesquisas baseadas nas artes, consideramos que a sua maior vantagem diz respeito ao facto de estas promoverem o cruzamento entre níveis de inclusão interpessoal e social. Tenhamos como exemplo o *Workshop* que aqui propomos analisar: a pesquisa e a intervenção baseada nas artes fomentou a integração dos jovens e dos mentores artísticos em termos interpessoais (criação de amizades, de redes de contactos, de partilha de gostos e de atitudes), bem como possibilitou o cruzamento com *outros* distantes a essas interpessoalidades, tais como os investigadores ou a Universidade. Simultâneo a estes pontos, emerge a diferenciação entre a intenção e a ação social. Novamente Felder (2018: 58) fornece um exemplo que, na nossa ótica, descreve de forma assertiva a relação entre o campo das políticas públicas e dos bairros sociais em Portugal. A autora diz-nos o seguinte:

Se dezenas de pessoas estão a viajar juntas de Londres para Brighton, mas apenas porque por coincidência têm o mesmo destino, não podemos falar da sua "união" num sentido estritamente normativo. Consequentemente, também não podemos falar da "inclusão" de um ou mais passageiros de comboio. Diríamos, ao invés disso, que estas pessoas estão em busca de objetivos paralelos, não objetivos partilhados, sendo estes últimos importantes se quisermos atribuir ao grupo algum tipo de inclusão.

Quando os indivíduos possuem e perseguem o mesmo objetivo, temos uma ação social, sendo que aqui as práticas artísticas – fazendo alusão à metáfora anterior – são o comboio que permite que os indivíduos cheguem ao seu destino. A partir de Greenwood (2019), verificamos que o conceito de *arts-based research* é um conceito guarda-chuva que abrange uma variedade de abordagens metodológicas e epistemológicas. Neste interstício, a arte tem sido utilizada como uma ferramenta de recolha de informação (Gauntlett, 2007), de análise (Gallagher, 2014), bem como enriquece os dados obtidos através do uso de metodologias qualitativas. A par disso, também é um instrumento importante na apresentação e discussão de dados (Conrad, 2012). Belliveau (2005) entre outros autores, tem escrito que a *arts-based research* serve para estudar a arte, mas também o processo de criação artística, colocando este último à consideração de uma interpretação textual que tem a si inerentes questões como os propósitos, os processos e os significados. Do nosso ponto de vista, perceber ou definir as pesquisas baseadas nas artes não parte de uma concetualização ou definição teórica, mas antes de uma aplicabilidade sistemática, por tentativa e erro, de várias práticas artísticas, mas também a fomentação de relações colaborativas entre vários públicos-alvo, desde jovens a idosos. Obviamente que é necessário possuir alguns entendimentos acerca das suas consequências, aplicabilidade e sobre as suas dinâmicas e processos analíticos, contudo, o que pretendemos defender é que a prossecução de pesquisas baseadas nas artes é alvo maleável e plástico, no sentido em que a próprio uso do termo arte ou artes indica a presença de especificidades e de convenções.

De acordo com Greenwood (2019), as pesquisas baseadas nas artes são fulcrais para que possamos captar as experiências vivenciais, uma vez que estas se pautam pela multi-sensorialidade, e por entendimento e envolvimento complexos entre tempos, espaços, ideologias e relações. Porventura, a aplicação de uma técnica de investigação tradicional, tal como as entrevistas por exemplo, apenas diz respeito ao campo verbal, bem como se

circunscreve a uma liminaridade temporal (Riessman, 2008; Guerra, 2019). Autores como Denzin e Lincoln (2011) descrevem as pesquisas qualitativas como práticas multi interpretativas. Por oposição, Springgay et al. (2005) defendem que as pesquisas baseadas nas artes são um novo ramo das pesquisas qualitativas, mas que possuem uma base metodológica própria e diferenciadora, que visa a concretização de determinado encontro social por via de uma experiência visual.

Workshop ‘O Bairro é Nosso!’

O Bairro do Cerco do Porto possui uma forte simbologia na cidade do Porto. É um território fragmentado e fragmentário, enquadrado numa lógica de marginalidade avançada (Wacquant, 2001). O bairro situa-se na freguesia de Campanhã, uma das freguesias com mais problemas sociais e habitacionais do Grande Porto. O Cerco é tido como um espaço relacional e social caracterizado por um conjunto de inúmeras possibilidades de análise (Sousa, 2018), além de se pautar pela presença de vários problemas sociais desafiadores de uma investigação sociológica. Outrossim, constatou-se que o Bairro do Cerco foi em tempos determinante para dar resposta às carências habitacionais (Guerra, 2002). Sendo esta a sua marca distintiva, o bairro torna-se num local de reconstrução social. Assim, este espaço/lugar materializa-se na existência de espaços públicos mal definidos ou inexistentes, mas também em mau estado de conservação, que apenas recentemente, no início de 2021, começaram a ser abordados e intervencionados por parte da Câmara Municipal do Porto. Contudo, apesar destas condicionantes, o bairro do Cerco sempre se pautou por uma força criativa pulsante, algo especialmente evidente junto das populações mais jovens.

A iniciativa OUPA, que surgiu no âmbito do programa ‘Cultura em Expansão’, um projeto de intervenção social pelas artes e promovido pela Câmara Municipal do Porto, nasceu numa altura em que as políticas culturais eram extremamente valorizadas, sendo estas utilizadas para divulgarem a cultura local e para promoverem a inclusão social. O programa ‘Cultura em Expansão’ foi criado em 2013 com o propósito de colocar e promover oferta cultural em toda a cidade do Porto, nomeadamente nos centros e periferias. Mais tarde, em 2015, o projeto OUPA foi incluído no programa e tinha como objetivo conciliar o trabalho junto das populações juvenis, isto é, junto dos jovens NEEF e aproximá-los das artes. Porém, tal como o presidente do grupo OUPA! Cerco nos confessou, em várias conversas informais, ninguém esperava que os jovens do Cerco já estivessem próximos das artes, sendo que apenas precisavam de uma oportunidade para as dar a conhecer e expressar, sendo que o ‘Cultura em Expansão’ e o OUPA foram essa oportunidade e o *hip-hop* foi o rastilho. O programa teve a duração de um ano no bairro do Cerco e contou com a participação de vários artistas nacionais, tais como a Capicua ou o André Tentugal. Da iniciativa participaram Joca, DrunkNigga, Ruubi, Kest, RauneFenix, Ricardinho, Lendária Treze e Black Mama. Estes jovens acabaram por produzir um álbum, intitulado “Cidade Líquida” (2016), atuaram no Teatro Rivoli e até representaram Portugal num festival de intervenção juvenil pelas artes na Eslováquia. Além disso, também receberam o Presidente da República com uma atuação no bairro do Cerco em 2016, algo que nunca tinha acontecido anteriormente. Devido ao sucesso do programa no bairro do Cerco, a Câmara Municipal do Porto decidiu alargar o mesmo a outros bairros sociais da cidade, tais como a Ramalde e a Lordelo do Ouro, mas com o término das residências artísticas o OUPA! Ramalde e o OUPA! Lordelo acabaram por se extinguir, sendo que o OUPA! Cerco foi o único que permaneceu ativo, sob forma de Associação, isto é, a Associação E.C.O Cerco Estúdio Comunitário. Desde 2017, e no quadro do desenvolvimento do projeto CANVAS, que temos estabelecido uma relação de proximidade com os membros da associação OUPA! Cerco, principalmente com o seu presidente, acompanhando de perto as dificuldades que têm sentido

para manterem o estudo comunitário ativo, mas também os *achievements*.

O *Workshop* seguiu uma lógica de *prevention-in-action* num formato de residência artística. Inicialmente, as iniciativas estavam propostas para começarem em fevereiro de 2021, contudo devido à pandemia da COVID-19 e subsequentes confinamentos, as mesmas apenas se iniciaram em maio desse mesmo ano. Na elaboração da calendarização das iniciativas adotámos uma espécie de horizontalidade no planeamento, no sentido em que as temáticas, bem como os formadores convidados foram escolhidos em conjunto, não havendo imposições por parte da equipa de investigação. Para a elaboração deste artigo – e por termos um limite de palavras – decidimos apenas nos focar na apresentação de duas iniciativas, nomeadamente a iniciativa da construção de um *cypher* e no graffiti. Porém, antes de avançarmos, considerámos importante fazer um apontamento sobre os jovens que participaram nas oficinas do *Workshop*.

Inicialmente, era nosso intuito trabalhar apenas com jovens NEET do Bairro do Cerco do Porto; todavia, à medida que íamos planeando as atividades deparámo-nos com uma questão: se temos como objetivo a promoção de iniciativas que visem a redução de sentimento de exclusão (Wacquant, 2001), bem como pretendemos contrariar os estereótipos criados em relação ao bairro do Cerco, enquanto local inseguro (Wacquant, 2001), porque não abrir as iniciativas a outros jovens que não residam no bairro? Foi isso que fizemos. Para que o leitor possa compreender a nossa lógica de atuação, é determinante especificar o papel que um dos nossos formadores convidados teve durante a iniciativa, falamos de Daniel Figueiredo, mais conhecido por \$tagOne. \$tagOne é um rapper, oriundo do bairro das Cabanas, situado em Rio Tinto, que já possuía uma relação de proximidade com os membros da Associação OUPA! Cerco. Desde cedo, enquanto pensávamos na iniciativa da construção de uma *cypher*, decidimos que não queríamos convidar artistas conceituados no âmbito do *hip-hop* português, tais como o Mundo Segundo ou o Maze por exemplo, pelo facto de estes não terem uma proximidade com os jovens. Aliás, nas primeiras reuniões com o presidente da Associação, o mesmo referiu-nos que a maioria dos jovens não conheciam esses artistas, pelo facto de estes terem tido uma enorme influência nas gerações de jovens dos anos 1990.

\$tagOne começou a consolidar a sua posição enquanto rapper, no seio do underground, com a participação na *Liga Knock Out*. As temáticas retratadas nas suas canções fazem, com referência, alusão à vivência nos bairros sociais da cidade do Porto. Paralelamente, \$tag possui formação superior em cinema, tendo também já produzido uma curta-metragem intitulada ‘Lutopia’, de 2016, que retrata a violência e o consumo e venda de substâncias psicoativas nos bairros sociais. Paralelamente, \$tagOne trabalha a tempo integral no Centro Juvenil de Campanhã, trabalhando diretamente com jovens institucionalizados. Deste modo, este artista e formador desempenhou um papel fundamental na captação de jovens para as oficinas do *Workshop*. Em ambas as iniciativas – a de música e a do graffiti – contámos com a participação de cerca de 15 jovens, com idades entre os 14 e os 22 anos. Além dos jovens de nacionalidade portuguesa, obtivemos a participação de jovens oriundos do Sudão, de Marrocos, da Colômbia, do Brasil e de Angola, havendo assim uma dinâmica multicultural que, caso nos tivéssemos cingido apenas a jovens residentes no bairro do Cerco, dificilmente teríamos obtido.

Focando-nos agora na iniciativa musical, nomeadamente a construção de um *cypher*, devemos mencionar que a mesma foi acompanhada por algumas sessões de *storytelling*, com a participação de vários artistas locais convidados, nomeadamente o Tostaz, o NTS e o Buster. Paralelamente, contámos ainda com a participação de um produtor musical, responsável pela elaboração de um beat para o *cypher* e posterior masterização da música. A iniciativa aconteceu ao longo de um mês, com sessões à sexta e ao sábado e, em todas elas, os investigadores assumiram um papel de *insider researcher*, tendo também participado de forma ativa nos processos criativos e também na realização de pequenos registos fotográficos e de vídeo. O primeiro ponto abordado foi o da escrita criativa, um elemento determinante para a elaboração

de uma rima ou de uma música. Então, num processo de *brainstorm*, os jovens em conjunto com os investigadores e com os formadores, decidiram que a temática da *cypher* seria o bairro, começando os jovens por referirem um conjunto de palavras que, no seu entender descreviam e representavam a vida num bairro social (ver Figura 1).



Figura 1. Primeiro dia da iniciativa ‘Construção de Cypher’, no Bairro do Cerco do Porto, no dia 21 de maio de 2021. Fonte: CANVAS.

Algumas das palavras que surgiram com maior frequência foram as seguintes: respeito, compreensão, família, união e cultura. Também na figura acima apresentada, podemos ver que cada jovem possui um caderno. Foi nos cadernos que surgem na figura acima apresentada que começaram a surgir os primeiros entornos da *cypher*, uma vez que, a cada semana, os jovens traziam o caderno com as suas ideias e propostas para os seus contributos no *cypher*, o que implicava um trabalho contínuo durante a semana. No primeiro dia, o refrão da *cypher* foi criado por um dos jovens, vejamos:

O bairro é nosso
E a street também
O respeito é importante
E a união a gente tem.

Voltando ao que referimos inicialmente, estas metodologias de prevenção em ação e a aplicação das pesquisas baseadas nas artes, permitiram-nos obter informações sobre as vivências destes jovens que, a partir da aplicação de uma entrevista, não seriam obtidas. Informações essas que, no nosso entender, são determinantes para entendermos a sua condição de NEEF, mas também outros fenómenos como a exclusão social e a resistência. Autores como Emberley e Davhula (2016) enunciam que as práticas artísticas são um veículo de expressão, isto é, um meio que permite aos jovens manifestarem os seus pensamentos, visões e preocupações. No fundo, a aplicação de metodologias criativas possibilitou que os jovens pudessem comunicar as suas mensagens, sem receios. A utilização da escrita de canções abrange uma série de cenários, de práticas e de técnicas, sendo que a escrita ajuda os participantes a expressar o que é importante para eles em momentos desafiantes das suas vidas (Baker, 2015; Baker e MacDonald, 2013; O'Callaghan e Grocke, 2009). Cientificamente, a análise lírica das canções é fundamental. Começamos então com a análise do improviso de um dos jovens que participou na iniciativa, no primeiro dia. Desde logo, apesar de apenas possuir 18 anos, vemos patente no seu improviso um sentimento de crítica e de contestação à violência que é atribuída à vivência num bairro social, sendo que o mesmo canta os seguintes versos:

Eles estão com tosse

Essa é a nossa voz
Hoje o bairro é nosso
That's my line please don't cross
Hoje eu estou atento e focado no movimento
O meu tráfico é de palavras
A minha bala é o conhecimento.

Em função do que nos referem Parker et al. (2018), a importância cultural da música junto das populações juvenis há muito tem sido reconhecida em termos de execução e produção da própria música, bem como junto das identidades (Bennett, 2000). Dada esta ressonância, intervenções baseadas na música têm sido particularmente eficazes junto da saúde mental e do bem-estar dos jovens. Olhando aos excertos das músicas acima apresentados, aferimos que a escrita lírica permite permitir a exploração de pensamentos e de emoções que, de outra forma, poderiam ser reprimidos (Baker e Homan, 2007). Machado Pais (2005) escreveu em tempos que o conhecimento do mundo é feito a partir de palavras, pois são estas que lhe dão sentido. Tal expressão não podia ir mais ao encontro do que neste artigo pretendemos apresentar. Os versos escritos por estes jovens, as suas palavras, oferecem-nos um conhecimento. Uma visão, visão essa que tende a ser descartada em diversos casos. Além disso, as palavras destes jovens – que aqui transcrevemos e analisamos – também nos oferecem outros olhares sobre os jovens. Tratando-se de jovens institucionalizados e oriundos de bairros sociais, estes são vítimas de um duplo processo de estigmatização. Contudo, apesar de frequentemente se achar que não, estes jovens são conscientes do estigma que lhes é imposto, emergindo novas formas de cidadania e de conquista de um espaço dentro do urbano e na sociedade. Assim, Malafaia et al. (2021) descrevem que a participação juvenil é uma história complexa para se contar, porém, tem sido mais ou menos consensual que o envolvimento e a participação dos jovens nas sociedades têm vindo a alterar-se e a expandir-se. Outros autores enunciam ainda que formas de participação não tradicionais e criativas têm vindo a ganhar ênfase (Barrett e Zani, 2015). Em certa medida, estes eixos foram por nós verificados quando os jovens oriundos de Marrocos e do Sudão gravaram os seus versos. O excerto abaixo é esclarecedor do espírito crítico destes jovens, pois além de combinarem sonoridades de música cigana, abordam o estigma, os rótulos e os preconceitos associados e enunciados face aos jovens residentes em bairros sociais

Desperta a tua consciência,
Podes ser o rotulado
Vive numa só essência
Respeita para seres respeitado
Não importa se é drogado, bandido ou advogado
(...)
Aqui são todos iguais, sem diferenças parentais
Processos judiciais ou problemas conjugais
(...)
Seja negro, gordo ou bi
Fake, dread ou wannabe
(OUPA Cerco, Rótulos e Preconceitos, 2016).

O *Workshop* que realizámos pode ser visto como *Participatory Action Research* (PAR), no sentido em que se circunscreveu a uma lógica de cocriação ou de construção de conhecimento colaborativo, juntando investigadores e atores locais, com o intuito de adquirir uma compreensão profunda e sistemática das realidades vivenciais, a fim de as transformar (Freytes e Cross, 2011). Durante o tempo de preparação do *Workshop* e mesmo durante a realização do mesmo, apercebemo-nos que essa colaboração pode ser extremamente difícil, principalmente quando se trata de população que tende a ser vista como o *outro*, dominado,

violento, delinquente e marginal. Os rótulos enunciados pelo OUPA no excerto acima são uma evidência dos obstáculos que são colocados ao próprio processo de investigação. Aliás, o principal desafio que se colocou ao nosso trabalho foi o de gerar as condições para que o processo colaborativo acontecesse, sendo que neste sentido a arte, nomeadamente a música e o graffiti, foram as nossas principais armas. Sentimos inúmeras dificuldades na captação dos jovens - como já referimos. Contudo, esta dificuldade de captação foi mais tarde ultrapassada através do estabelecimento de parcerias com outras instituições na zona. Porém, outras surgiram. Talvez aquela que considerámos pertinente destacar diz respeito à linguagem, isto é, à forma de comunicação usada pelos investigadores e pelos jovens. As dificuldades de entendimento de ambas partes eram evidentes, sendo necessária uma constante adaptação para que essas barreiras fossem sendo desconstruídas. Com o tempo, os investigadores ganharam apelidos – propostos pelos jovens – e, no fim do *Workshop*, foi feita uma sessão de apresentação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o intuito de colocar os jovens em contacto com o universo vivencial dos investigadores. Além disso, para os jovens que estiveram presentes nessa sessão de apresentação – além de conviverem com professores universitários, estudantes e investigadores, e serem por eles ouvidos - foi a primeira vez que entraram numa faculdade.

Em nenhuma das oficinas ocorreu uma imposição de temas, de escolhas artísticas ou de repressão face aos conteúdos que os jovens queriam transmitir. Procurámos percebê-los e atuar numa lógica didática e elucidativa. Durante aquelas quatro horas não havia formas de fazer erradas, apenas campos de possibilidades. Apesar de querermos transmitir uma mensagem – a de que as artes podem reduzir barreiras e estigmas – também queríamos aprender. Nesse sentido, também considerámos determinante explicitar ao leitor aquilo que de principal foi retido pelos investigadores, e iremos fazê-lo recorrendo a um exemplo. Como somos também atores sociais, quando um jovem não conseguia gravar o seu verso, ficámos assolapados com o medo de que surgissem comportamentos ou atitudes de ridicularização por parte dos restantes jovens, mas fomos surpreendidos. Os colegas foram os primeiros a incentivar e a dizer que estava tudo bem. A lição que retirámos: estes jovens são o epítome da união tal como no aforismo: *a união faz a força*. Progressivamente, também os investigadores se foram libertando dos seus receios e dos seus medos, e quando menos se esperava estávamos todos juntos em harmonia a ouvir a música feita há um minuto atrás, envoltos numa atmosfera de partilha (ver Figura 2).

Mantendo em mente as lógicas de intervenção e de planeamento adotadas para a execução deste *Workshop*, importa referir que o graffiti foi algo sugerido pelos participantes da iniciativa, isto porque no seu entendimento tratava-se de uma prática artística ainda deveras estigmatizada. Nesta oficina, voltámos a contar com a participação de um mentor artístico. No primeiro dia foi feito um processo de brainstorming com os jovens, no qual lhes foi pedido que identificassem os principais elementos que eles gostariam de ver presentes no graffiti que, posteriormente, foi pintado nas paredes da Associação OUPA!. Esta atividade foi determinante para percebermos a relação que os jovens tinham com a cidade e com os seus atores sociais (ver Figura 3).



Figura 2. Workshop “O Bairro é Nosso!” - Oficina Cypher.
Jovens envolvidos na escolha do beat da cypher. Fonte: CANVAS.

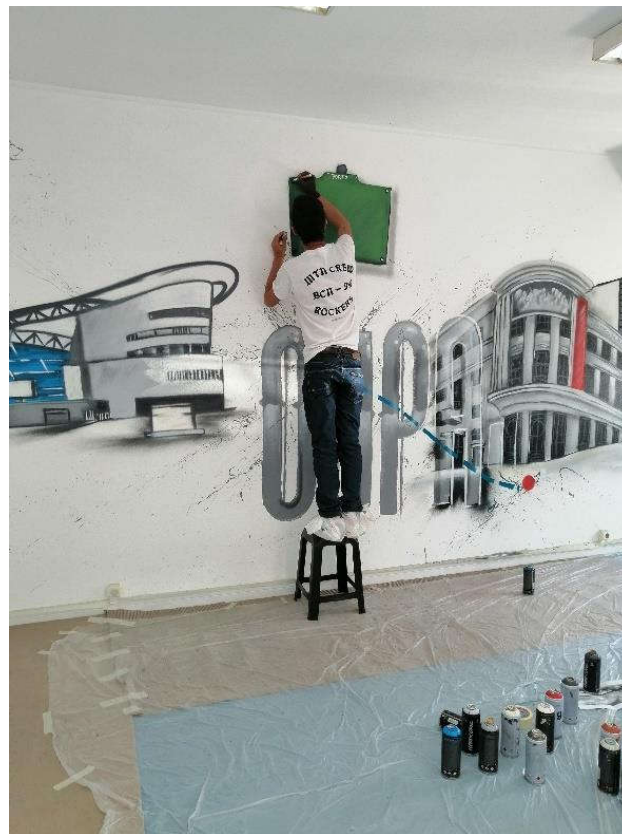


Figura 3. Imagens do graffiti realizado na Associação OUPA. Fonte: CANVAS.

Como temos vindo a referir, o envolvimento dos jovens nas atividades é fundamental, pelo que os mesmos aprenderam técnicas específicas como o stencil. Mais ainda, não apenas os investigadores, como os responsáveis pela Associação e Grupo OUPA!, queriam que estes jovens ficassem eternizados. Nesse sentido, em conjunto com o nosso mentor artístico, os jovens, os investigadores e o OUPA criaram e desenvolveram a sua própria *tag*, que posteriormente foi pintada nas paredes do espaço (ver Figura 4). Com isto pretendíamos demonstrar que todos os atores sociais, instituições e entidades são fundamentais para que as iniciativas possam ser eficazes, bem como ao estarem os nomes eternizados numa parede

branca a spray preto, mostra que estas oficinas não foram efêmeras, isto é, que se trata de um projeto contínuo que ainda perdurará no tempo e – talvez o ponto mais importante – não foram apenas estes jovens o motivo ou o “foco” da intervenção (se assim lhe podemos chamar), os investigadores inclusivamente.

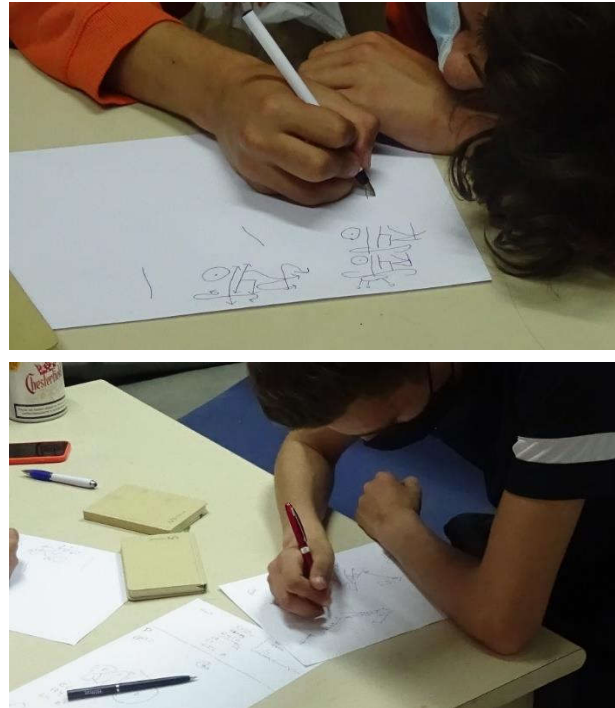


Figura 4. Jovens que participaram no Workshop a desenvolverem a sua tag. Fonte: CANVAS.

O agora é o futuro!

Os jovens NEET são um tópico que em Portugal ainda merece um foco de atenção, quer por parte do sistema político quer do campo académico, artístico e cultural. Na verdade, aquilo que pretendemos aferir com a elaboração deste artigo é que este fenómeno ainda se assume como extremamente relevante, uma vez que tem vindo a ser alvo e objeto das profundas carências das políticas públicas no país. Chegados ao fim deste capítulo, reiterámos que os NEET são o resultado das várias falhas dos sistemas capitalistas e políticos contemporâneos. Estes jovens que não estudam, não trabalham ou não estão em formação são, de facto, esquecidos pelas instituições de regulamentação social. Através da análise dos conteúdos e dos dados empíricos obtidos no *Workshop* “O Bairro é Nosso!”, tornou-se possível observar que estes jovens não se encontram alienados ou perdidos. Com efeito, estes encontraram nas artes, nomeadamente na música, na dança, na fotografia, no graffiti, entre outras, um pretexto para resistirem a estas imposições político-sociais. Como já escrevemos noutro texto (Guerra, 2021), encontraram nas artes um meio para *resistirem* e para *existirem*. Por fim, outro aspeto que merece ser destacado diz respeito à própria aprendizagem dos investigadores que organizaram e participaram nestas oficinas. Além de demonstrarmos que as ABR são uma saída metodológica eficaz quanto à recolha e análise de informação - assumindo-se como uma ferramenta complementar e essencial face às técnicas e metodologias tradicionais (qualitativa e quantitativa) -, apercebemo-nos o quanto os jovens possuem a capacidade de mudarem o

mundo (Pais, 2020). Se à partida tínhamos receio das atitudes, dos comportamentos e até da fraca participação destes jovens; no final, tudo isso se desvaneceu e ficou evidente que eles são a principal cara quando se fala numa luta pelo bairro – o que está bem atestado com a frase escolhida por estes jovens para ser eternizada nas paredes da Associação OUPA!: *O agora é o futuro!*

Referências bibliográficas

Barrett, Martyn; Zani, Bruna (2015), *Political and civic engagement: Multidisciplinary perspectives*. Londres: Routledge.

Baker, Felicity (2015), *Therapeutic songwriting: Developments in theory, methods and practice*. Londres: Palgrave MacMillan.

Baker, Felicity; MacDonald, Raymond (2013), “Flow, identity, achievement, satisfaction and ownership during therapeutic songwriting experiences with university students and retirees”, *Musicae Scientiae*, 17(2), 131-146.

Baker, Sarah; Homan, Shane (2007), “Rap, Recidivism and the Creative Self: A Popular Music Programme for Young Offenders in Detention”, *Journal of Youth Studies*, 10(4), 459-476.

Belliveau, George (2015), “Research-based theatre and a/r/tography: Exploring arts-based educational research methodologies”, *P-e-r-f-o-r-m-a-n-c-e*, 2, 1-2. Consultada a 09.01.2022, em <http://www.p-e-r-f-o-r-m-a-n-c-e.org/?p=1491>

Bennett, Andy (2000), *Popular Music and Youth Culture: Music, Identity and Place*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Caroleo, Floro; Rocca, Antonella; Mazzocchi, Paolo; Quintano, Claudio (2020), “Being NEET in Europe Before and After the Economic Crisis: An Analysis of the Micro and Macro Determinants”, *Social Indicators research*, 97, 1017-1024.

Conrad, Diane (2012), *Athabasca's going unmanned*. Rotterdam: Sense.

Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna (Eds.) (2011), *The SAGE handbook of qualitative research (4th ed.)*. London, U.K.: SAGE.

Emberly, Andrea; Davhula, Lusani Antoinette (2016), “My music, my voice: Musicality, culture and childhood in haveland communities”, *Childhood*, 23(3), 438-454.

Eurostat (2016), *EU's labour force survey (EU LFS)*. Consultada a 09.01.2021, em <https://ec.europa.eu/eurostat/web/microdata/european-union-labour-force-survey>.

Felder, Franziska (2018), “The Value of Inclusion”, *Journal of Philosophy of Education*, 52(1), 54-70.

Ferreira, Tatiana; Pappámikail, Lia; Vieira, Maria Manuel (2017), *Jovens NEEF: Mudanças e Continuidades no Pós-Crise*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Finlay, Ian; Sheridan, Marion; McKay, Jane; Nudzor, Hope (2010), “Young people on the margins: in need of more choices and more chances in twenty-first century Scotland”, *British Education Research Journal*, 36(5), 851-867.

Freytes, Ada; Cross, Cecilia (2011), “Overcoming poor youth stigmatization and invisibility through art: A participatory action research experience in Greater Buenos Aires”, *Action Research*, 9(1), 65-82.

Frias, Mafalda; Alcoforado, Luís; Cordeiro, António Rochette (2020), “O caso dos jovens Nem Nem: Novas Trajetórias, Novos Desafios”, *Revista Práxis Educacional*, 16(42), 186-216.

Gallagher, Kathleen (2014), *Why theatre matters: Urban youth, engagement and a pedagogy of the real*. Toronto, ON: University of Toronto Press.

Gauntlett, David (2007), *Creative explorations: New approaches to identities and audiences*. New York, NY: Routledge.

Greenwood, Janinka (2019), “Arts-Based Research”, *Education*.
<https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264093.013.29>

Guerra, Paula (2021), “So close yet so far: DIY cultures in Portugal and Brazil”, *Cultural Trends*, 30(2), 122-138.

Guerra, Paula (2019), “Espaços liminares de sociabilidade contemporânea. O caso ilustrativo do Festival Paredes de Coura, Portugal”, *Estudos de Sociologia*, 2(25), 51-88.

Guerra, Paula (2002), *A Cidade na Encruzilhada do Urbano – Algumas modalidades de relação e um estudo de caso acerca do processo de recomposição social e espacial do tecido urbano portuense na década de 90*. Porto: Universidade do Porto.

Hollis, Martin (1977), *Models of Man: Philosophical Thoughts on Social Action*. Cambridge, Cambridge University Press.

Levitas, Ruth (2005), *The inclusive society: social exclusion and New Labour*. Londres: Springer.

Malafaia, Carla; Neves, Tiago; Menezes, Isabel (2021), “The Gap Between Youth and Politics: Yngsters Outside the Regular School System Assessing the Conditions for Be(com)ing Political Subjects”, *Young*, 1-19.

McPherson, Charlotte (2021), “Between the Rhetoric of Employability and the Reality of Youth (Under)Employment: NEET Policy Rhetoric in the UK and Scotland”, *Journal of Applied Youth Studies*, 4, 135-152.

Norwich, Brahm (2008), *Dilemmas of Difference, Inclusion and Disability*. Londres: Routledge.

O’Callaghan, Clare; Grocke, Denise (2009), “Lyric analysis research in music therapy: rationales, methods and representations”, *The Arts in Psychotherapy*, 36(5), 320–328.

- Pais, José Machado (2020), *Jóvenes y creatividad: Entre futuros sombríos y tempos de conquista*. Madrid: Ned Ediciones.
- País, José Machado; Ferreira, Vitor Sérgio (2010), *Tempos e transições de vida: Portugal ao espelho da Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Pais, José Machado (2005), “Jovens e Cidadania”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 53-70.
- Parker, Andrew; Marturano, Naomi; O’Connor, Gwen; Meek, Rosie (2018), “Marginalised youth, criminal justice and performing arts: young people’s experiences of musicmaking”, *Journal of Youth Studies*, 21(8), 1061-1076.
- Riessman, Cathy (2008), *Narrative methods for the human sciences*. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Salvà-Mut, Francesca; Tugores-Ques, María; Quintana-Murci, Elena (2018), “NEETs in Spain: an analysis in a context of economic crisis”, *International Journal of Lifelong Education*, 37(2), 168-183.
- Simões, Francisco; Ferreira, Tatiana; Vieira, Maria Manuel (2020), *Rural NEETs In Portugal*. Portugal: COST Action CA 18213: Rural NEET Youth Network: Modeling the risks underlying rural NEETs social exclusion.
- Springgay, Stephanie; Irwin, Rita; Kind, Sylvia Wilson (2005), “A/r/tography as living inquiry through art and text”, *Qualitative Inquiry*, 11(6), 897-912.
- Sousa, Sofia (2018), *O Cerco é a minha casa! Apropriações e Identidades face ao espaço habitado*. Porto: Universidade do Porto.
- Vieira, Maria Manuel; Pappámikail, Lia; Ferreira, Tatiana (2021), “NEETs in Europe: from Plural (In)visibilities to Public Policies”, *Journal of Applied Youth Studies*, 4, 89-94.
- Vieira, Maria Manuel; Pappámikail, Lia; Ferreira, Tatiana (2018), “Jóvenes y Políticas Juveniles: Algunos Desencuentros. El caso del Sistema de Garantía Juvenil en Portugal”, *Metamorfosis. Revista del Centro Reina Sofia sobre Adolescencia y Juventude*, 9, 67-88.
- Wacquant, Loïc (2001), *Os condenados da cidade: Estudos sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Editora Revan.
- Wrigley, Liam (2019), “(un)happy 21st birthday NEET! A genealogical approach to understanding young people not in education, employment or training”, *Youth & Policy*. Consultada a 09.01.2022, em <https://www.youthandpolicy.org/articles/unhappy-21st-birthday-neet/>.
- Yates, Scott; Payne, Malcolm (2007), “Not so NEET? A critique of the use of ‘NEET’ in setting targets for interventions with young people”, *Journal of Youth Studies*, 9(3), 329-344.